

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO  
Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXV Volume

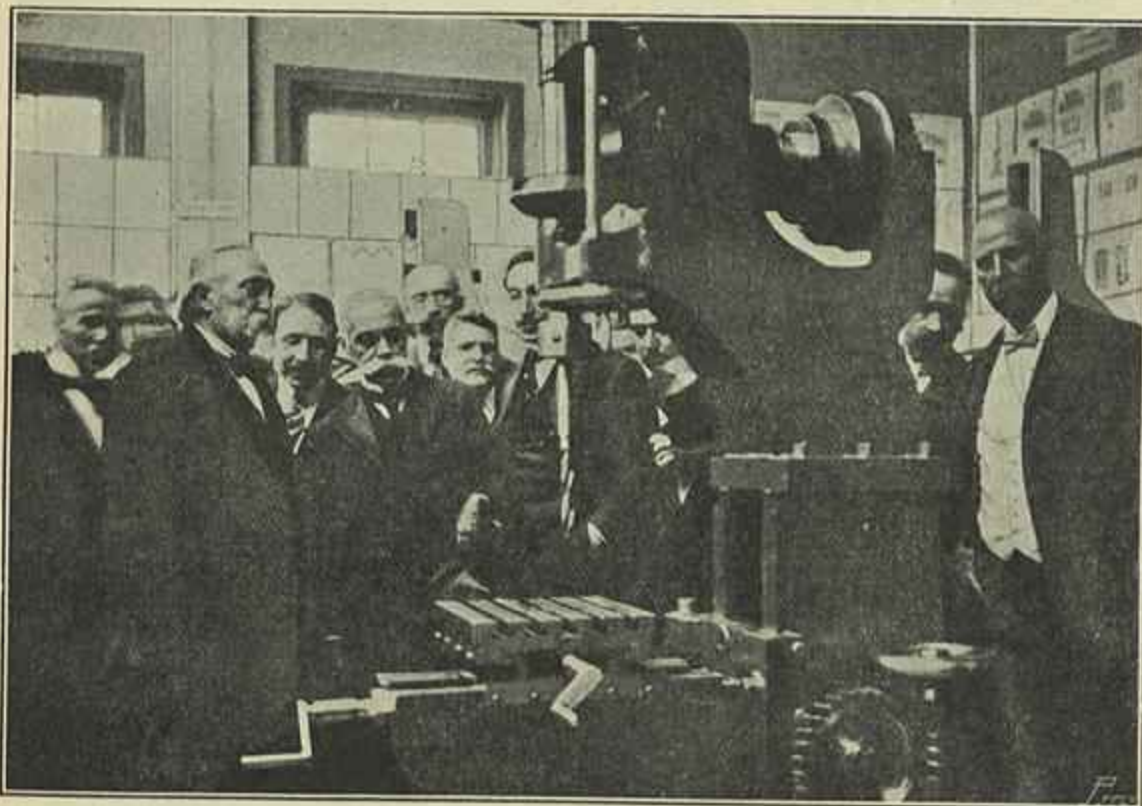
Redacção e Administração  
T. do Convento de Jesus, 4—Lisboa

10 de Setembro de 1912

Composto e Impresso na Typ. do Annuario Commercial  
Praça dos Restauradores, 27—Lisboa

N.º 1213

## Exposição de trabalhos dos alunos da Escola Marquês de Pombal — (Veja Cronica)



SUA EX.ª O PRESIDENTE DA REPUBLICA INAUGURANDO A EXPOSIÇÃO COM A SUA VISITA OFICIAL.

aqui ficam a palmilhar o macadam escaldador da cidade ou a envenenarem se nas exalações das sargentas.

Procuremos, portanto, outro assunto, e este menos vulgar, que não se encontra a cada passo, nem se repete periodicamente.

Falar de trabalho, no momento em que tanta gente descança, sem querer saber das suas obrigações, não deixará de parecer contraste extravagante, ou coisa inoportuna, no meio de toda a indolencia nacional; mas é justamente dessa indolencia que convem despertar e por isso a cronica vae referir-se á abertura de uma exposição, que se não teve os entusiasmos delirantes das manifestações politicas, que admitem hinos e foguetes, é porque, infelizmente, o povo português trata muito mais da politica que o desgraça, do que das questões do trabalho que lhe pôde dar a felicidade.

A exposição de trabalhos dos alunos da Escola Marquês de Pombal, uma parada de forças industriaes, a que sua ex.ª o Presidente da Republica foi passar revista, no dia 2 deste mez, sem os aparatos de um Estado Maior e sem guarda á porta para a continencia e toque do hino.

Em compensação sua ex.ª poude apreciar uma grande fonte de riqueza, donde todos os anos manam generosamente algumas centenas de artifices de ambos os sexos, habilitados com cursos complexos e praticos para a grande vida das industriaes, para as proficuas lutas do trabalho.

Em bem ordenada disposição todos poderam vêr toda uma historia de ensino desde

## CRONICA OCCIDENTAL

Falar de calor, na cronica, não será dar novidade aos leitores que, neste extremo occidental da Península, suam sob uma temperatura de 36º mostrando bem que Febo não se esquecera, afinal, de mandar a este cantinho da terra os raios do seu fogo, de que já se duvidava, pela sua ausencia, neste verão.

Anda tudo fóra dos eixos, afirmam os maledicentes, os maus de contentar, os que nada fazem e tudo criticam, até o Sol, e este então desforra se infligindo-lhes um dos seus maximos calores com que todos sofremos, mesmo aqueles que não abrirem bico para lamentar a falta do verão e agora o abrem, como os passarinhos, para aspirar alguma rara brisa descaminhada das correntes do norte e que perdida pelo espaço infinito chegue até nós, com os afaços e frescuras que os poetas cantam, mas que os mortaes não sentem, sob esta atmosfera asfixiante.

Falar dos que desertam para as termas e para as praias, abandonando Lisboa que escalda, e procurando á beira do mar as brisas do oceano ou sob os espessos arvoredos, couraçados aos raios do sol, a frescura das sombras acolhedoras, seria reproduzir o cliché de todos os verões com todos os lamentos dos infelizes que por



EXPOSIÇÃO DOS ARTIGOS DE MARCENARIA, DECORAÇÕES, LAVORES, ETC.



o primeiro traço lançado no papel pelo estudante até ao desenvolvimento da geometria plana, sólidos, desenho de ornato, tudo com imediata aplicação nas escolas oficinas de serralharia, maquinaria, carpintaria, marcenaria e decoração, fabricando-se ali desde os moldes e mais simples arrebite ou parafuso, até á máquina completa, devendo-se notar que as ferramentas para esta multiplicidade de trabalhos todas são feitas pelos alunos.

Vê-se que assim o ensino é tão complexo como pratico, sabendo dali os alunos para as oficinas ou fabricas, com fóros positivos de officiaes dos seus officios e preferencia sobre aqueles que não tem a mesma escola.

Com que prazer se não deve registrar esta exposição, uma surpresa para muitos, reveladora de que ha quem dedicadamente cuide da educação e ensino do povo, no que ele melhor tem a aproveitar, como realmente vae aproveitando em Lisboa, sabendo-se que na Escola Marquês de Pombal, fundada em 1884, ano em que abriu com 65 alunos, progredindo sempre, com uma ligeira intermitencia de 1894 a 1897 resultante de nova organização do ensino industrial, mas que a breve trecho voltou a progredir até ao presente, elevando-se este ano a frequencia a 617 alunos, o que os visitantes pôdem verificar nos bem traçados radiogramas, ali expostos, do movimento escolar.

E o visitante terá de enlevar-se na perfeição dos trabalhos expostos, produzidos pelos rapazitos alunos, que ali se tornam homens uteis, educados no regimen do trabalho moralizador, que enriquece os povos e faz respeitar as nacionalidades.

O visitante terá de se enlevar na variada produção de maquinismos, de ferragens, de mobiliario, de ourivesaria, de cerâmica, de talha, de pintura e relevos decorativos, debuxo ou modelos de estofos, admirando tambem os trabalhos das alunas representados em delicados labores de bordados de toda a especie, rendas nacionaes, como as de Peniche, cartonagens, pintura em vidro e em sedas, almofadas, flôres artificiaes de completa ilusão, tudo isto resultando de bem assentes bases de estudo, que dão ao aluno a forte consciencia do que produz firmada no saber por que assim produz.

No ensino industrial poderia chamar-se a esta escola uma Universidade, pelo complexo das materias que ali se estudam.

Pois seja a Universidade popular, onde humildes rapazes se vão formar para a industria productiva, que tambem é compensadora para os que se lhe dedicam a valer. Alguns desses humildes,

sabemos, que ali estudaram para maquinistas, coisa que não havia em Portugal, e que hoje ocupam logares, dantes só desempenhados por estrangeiros, e auferem bons ordenados como os não tem muitos primeiros officiaes de secretaria e até chefes diplomados de bachareis.

Que ponham ali os olhos aqueles que ainda conservam o velho preconceito muito português de que: «homens, só armas ou letras», quando, afinal, com este preconceito só se tem creado o mais triste dos proletariados, que palmilha as rôtas solas pela Arcada e escadas das secretarias de Estado, na modesta pretensão de um lugar de amanuense.

Para se chegar ao grau de educação e ensino que a Escola Marquês de Pombal atingiu, era forçoso que á sua frente estivesse para bem a orientar e dirigir, um espirito tão inteligente como ilustrado e activo, que todo se lhe dedicasse.

Não ha duvida que o director desta escola, sr. coronel Marques Leitão, possui aquellas qualidades, aliaz reconhecidas de ha muito, e ocioso é encarecelas, quando os resultados praticos o provam exuberantemente.

Se é certo que: «o fraco rei faz fraca a forte gente», como disse Camões, não é menos verdade que a sábia direção opera prodigios, e assim esta Escola Industrial tornou-se um centro educativo de maior alcance, mercê do seu director e dos professores que, com tão raro exemplo de dedicação superior, tem empregado todo o seu esforço para secundar a obra do chefe.

E' justo não lhes occultar os nomes, ainda que nesta cronica o espaço não sobre, e são eles, nos diferentes cursos, os srs. Eduardo Augusto da Silva, Joseph Benoliel, Cristino da Silva, Valerio Vilaça, David José da Silva, Ivo de Carvalho e Robert Rogenmoser. Nas officinas o ensino pratico é ministrado pelos mestres, srs. Julio da Silva, Pacheco, Faria, Neves, Virgilio Rodrigues, Carlos Ferreira e Adelino; a aula de labores tem por professora a sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo que a dirige com toda a proficiencia.

A sobriedade de adjectivos é peculiar á cronica, avessa a reclamos, e assim não veja nisto o leitor convite a visitar os Armazens do Chiado ou do Grandela, mas simplesmente o relato verdadeiro de uma exposição que o deve interessar, onde tem muito que vêr e aprender para ficar sabendo de quanto é capaz de produzir a industria do seu país, onde só faltam iniciativas que a desenvolvam.

Não se pense em absoluto que o Estado tem descurado completamente o ensino profissional e que não ha quem nisso pense, e ainda mais quem se lhe dedique com amor, como o prova a Escola Marquês de Pombal.

Não sabemos se o publico ali tem affluído como affluído á Praça de Touros, ou á Feira de Agosto, mas a Exposição lá está aberta por todo este mez, com entrada livre e um belo espectáculo para os olhos e para o espirito que muito util e agradável lhes será.

Assim os leitores desta cronica lhes encontrem o ambicionado util e agradável que tanta vez se anuncia e nem sempre se realisa.

Por mais de uma vez, por exemplo, se tem anunciado em Lisboa o vôo de aeroplanos que



O BIPLANO «FARMAN-MAURICE» NO SEU PRIMEIRO VÔO NA CIDADE DO PORTO

se esperavam e em que subiriam arrojados aviadores. Ha mais de um ano chegou a vir em caminho de ferro um aeroplano qualquer com um aviador qualquer tambem. Fez-se espalhafatoso reclamo pelos jornaes e o publico correu ao hipodromo de Belem onde se elevaria o falado aeroplano, mas afinal repetiu-se pouco mais ou menos a mesma historia do *homem das botas* a atravessar o Tejo, porque o aeroplano em vez de subir desceu e o aviador fugiu. Foi um lôgro para quem esperava assistir a um espectáculo inteiramente novo.

Outro tanto não succedeu agora com o biplano mandado vir de Paris, pelo jornal *O Comercio do Porto* para a *Creche*, que tem o titulo desta antiga folha portuense.

Um aeroplano *Farman-Maurice*, os melhores a quem a imprensa diaria tem feito largas referencias, como esta revista a ele se referiu no numero antecedente.

E' o primeiro aeroplano que vôa em Portugal, e que ao vasto campo do Castelo do Queijo, no Porto, chamou mais de 60:000 pessoas para presenciarem o novo espectáculo, mais felizes que o povo de Lisboa, porque o *Farman-Maurice*, tripulado pelo aviador Leopold Trescartes, realizou dois belos vôos, que encheram de alegria e entusiasmo o publico.

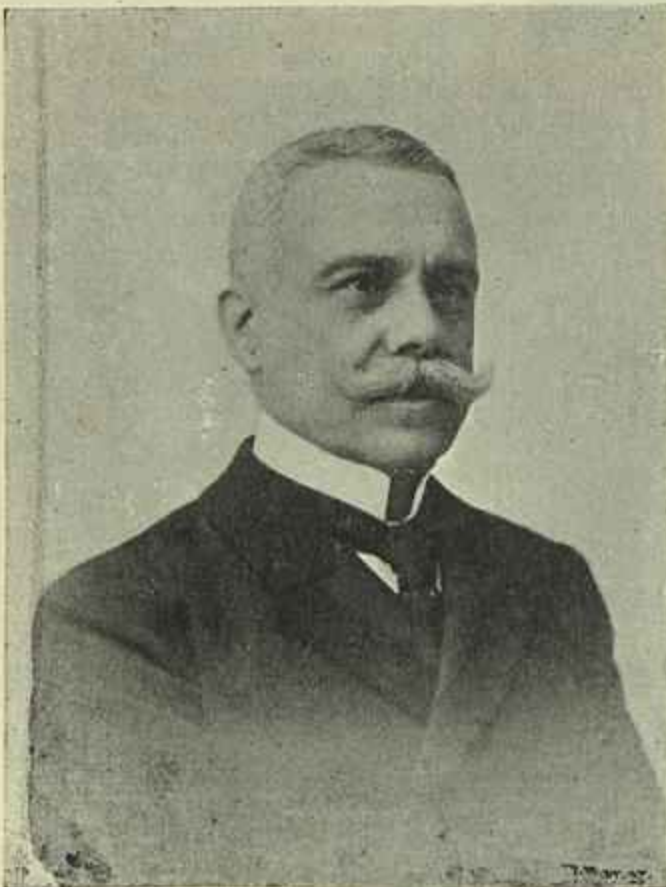
No primeiro vôo o aviador foi só, mas no segundo acompanhou-o o sr. Luis Marques Merino, elevando-se o aparelho a uns 300 metros de altura, pairando no ar um quarto de hora, fazendo varias evoluções sobre a cidade do Porto, Foz e Matosinhos.

Parabens á cidade do Porto onde se realizou a assenção do primeiro aeroplano em Portugal.

Resta uma esperanza, como uma consolação para Lisboa, pois se anuncia que o *Farman-Maurice* vem em breves dias levantar seu vôo no Hipodromo de Belem.

Que a boa fortuna o não desampare, como aconteceu ao outro, e desde já nos preparêmos para lhe dar palmas.

GAETANO ALBERTO.



CORONEL MARQUES LEITÃO  
DIRETOR DA ESCOLA MARQUÊS DE POMBAL

Só pela vida, e por causa della temos o poder de atrair tudo quanto nos deve chegar. Não havemos pois escolher os amigos, que de si mesmo hão-de vir.

JOÃO RIBEIRO.



## Portugal científico e colonial

## A primeira Escola de botânica, em Portugal — O jardim botânico da Ajuda e os jardins coloniais, em Lisboa.

Fastos da Sciencia:  
Obras contemporaneas  
(1791 e 1911)

Entre estas datas, findam dois seculos e um só se encontra completo. N'uma expressão soberba, este foi o «seculo das luzes.» Apurou-se n'uma Exposição Universal, a de 1900, e nos correspondentes Congressos, o que elle herdou ao seculo xx que, nas suas auroras scientificas, se asinálá brilhante.

N'esse maior lapso de tempo — de 1791 a 1911 — pôdem contar-se, atingindo a vida média, tres gerações. Quantas luctas não assinaláram a sua passagem n'esta terra portugúesa! Quão singulares, inesperados e estranhos não se afirmaram os progressos scientificos, na extensa gamma das concepções da mentalidade; na substituição das hypotheses sobre as quaes esses progressos se constituíram, rasgando novos horizontes para a Sciencia, avançando-se nos estadios da civilização; perscrutando-se os enigmas da vida nas suas modalidades, querendo fixa-la na sua unidade; e, enfim, acudindo ás tantas descobertas e invenções em que o gemio se expande e as quaes, em suas utilidades, revertem em beneficio do maior numero, e geram a maior actividade que se estampa na téla economica e social dos nossos dias!

Nos fastos da Sciencia, algumas paginas falam, que são para desvanecimento de quantos, lendo a Historia, n'ela deparam enaltecidas, por seus meritos, as doudas tarefas portugúesas. Reivindicações envolvem que se enlaçam, n'um quadro especial, ás obras contemporaneas que, por seu mentor, encontram também mais copiosos ensinamentos e mais eloquentes e bem variadas exemplificações.

E' esse quadro especial, o da Sciencia Botanica em que se aliam problemas de summa importancia, ás mais variegadas expressões de formosura e de encanto.

Estabelecem essas reivindicações, os notaveis estudos e as obras de maior significação e utilidade que tão alto relevo imprimiram a individualidade do sabio portugúes dr. Felix de Avellar Brotero.

Bem cabe aplicar lhe o elogio traçado n'estes versos de A. Ferreira:

«Quão claro aquelle, que ou por feito ou dito  
Deixou nome immortal, e glorioso  
Exemplo aos seus em proveitoso escrito.»

Brotero, — nome filantropico que o sabio botânico adotou, quando ainda estudante se refugiou em França. — Tira esse nome a sua origem das raizes gregas *Brothos* e *eros*, que o mesmo é dizer — *amante dos mortaes*.

Sabe-se que ele foi amigo intimo do poeta Filinto Elysis, seu companheiro no exilio. Doutorou-se, Brotero, na Escola de Medicina de Reims. Estudou, especialmente, botânica com Valmont de Bomare e no collegio de Pharmacia, onde professava esse capitulo da Sciencia, Buisson.

Conviveu com Buffon; manteve relações com Condorcet, Cuvier e Lamarck. Foi n'este meio excepcional, pelas intellectualidades que o formavam, que Brotero se disciplinou. Grande beneficio para um espirito de eleição.

De regresso a Portugal acompanhou o dr. Domingos Vandelli e dois viajantes russos nas suas excursões botánicas nas cercanias de Lisboa, oferecendo-se-lhe assim ensejo para demonstrar os seus vastos conhecimentos como naturalista.

Em feveiro de 1791 foi nomeado Lente de Botânica e de Agricultura na Universidade de Coimbra. Moveu-se contra ele a inveja. Encontrou, porém, a defende-lo dos seus ataques o reitor da Universidade, Principal Castro, e com outros professores, Simão de Cordes.

A publicação do seu *Compendio de Botânica* e a da *Flora Lusitânica* (1804), consagraram os altos meritos scientificos de Brotero, e assignaram lhe um alto renome. E estruturando systematicamente, d'acordo com as lições de Linneo, o Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, onde desde logo figuraram quatro mil especies de plantas indigenas e exóticas, tornou effectiva fundação da *Primeira Escola Botanica em Portugal*, e ahí bem se afirmaram os seus meritos

Na Bibliotheca Nacional deve encontrar-se um exemplar da *Flora Lusitânica*, accrescentado e emendado pelo proprio punho de Brotero. Compoz, mais tarde, a *Phytographia Lusitânica Selector*, em dois volumes. E', esta publicação, obra de superior merecimento.

Varias e repetidas excursões botánicas, em diferentes regiões do Paiz, permittiram a Brotero enriquecer aquele Jardim com uma copiosa collecção de plantas indigenas, em 1810, e exactamente quando Massena, derrotado na aspera lucta do Bussaco, entrava em Coimbra.

Jubilado Brotero, em 1811, ao fim de vinte annos de regencia na Cadeira de Botânica e de Agricultura da Universidade de Coimbra, logo n'esse mesmo anno, foi nomeado Director do Museu e do Jardim Botânico da Ajuda.

Attribue-se ao Marquez de Pombal a criação d'este Jardim. As obras concluem-se, porém, no tempo posterior á sua destituição.

E' interessante o Jardim Botânico da Ajuda na sua ornamentação architectonica, com as suas escadarias, balastradas e lagos, em marmore. D'ele, foi primeiro director o naturalista Domingos Vandelli, italiano, lente jubilado da Universidade de Coimbra.

Confia da direcção d'este Jardim a Brotero, ele tratou de proceder á classificaçãõ methodica das plantas que ahí já existiam ou por ele fóram introduzidas n'esse Jardim.

D'est'arte reproduzia a obra que realisára no Jardim Botânico de Coimbra, e ao qual o professor allemão Linck consagrou a seguinte apreciação: . . . «este estabelecimento encontra-se muito bem e superiormente estruturado. Em relação a cada planta, figura uma etiqueta hasteada em que se lê o respectivo nome, n'uma distribuição semelhante á adoptada no Jardim das Plantas de Paris. . . »

Para facilitar o estudo das plantas aos praticantes no Jardim Botânico da Ajuda, organisou Brotero o Herbario das plantas em larga escala.

Semelhantemente procedeu á classificaçãõ correspondente á Collecção Zoologica e a parte da Mineralogia com que se constituiu o Museu anexo ao Jardim, ficando redigidos os respectivos catalogos. E' para notar que pela organisação d'este Museu de Historia Natural muito se empenhou Miguel Franzini.

Que destino terão levado estes catalogos?

Sabe-se que, ao tempo da invasão franceza, depredações grandes soffreu o Jardim Botânico d'Ajuda, d'ele sendo tiradas 2000 especies de plantas que fóram remetidas para Paris; e bem assim o Museu de Mineralogia que soffreu a perda de 3.000 exemplares aos quaes foi dado igual destino!

Botánicos estrangeiros quizeram consagrar os trabalhos scientificos de Brotero, ligando o seu nome á designação por eles dada a varias plantas: a *Brotera ovata*, de Cavanilles; a *Brotera trinervata*, de Persoon.

Com quanto, hoje, o Jardim Botânico da Ajuda não offereça, em todos os seus aspectos, a estrutura systematica que n'ele estampou Brotero, porque umas tantas transformações realisadas no decurso do último quartel do seculo xix lhe deram outra feição, esse Jardim é uma peça em varios modos interessante e mesmo notavel. Interessante, architectonicamente; notavel pelo que n'ele se mostra e á botânica interessa, seja na ordem das plantas indigenas e em determinadas especies exóticas, de ornamento, ou mais mimosas, ou de mais pujante porte. O *dragociro* que n'esse Jardim se eleva, é bem um monumento vegetal.

A que bem inspirado conselho não se obedeceria, fazendo sobressahir este Jardim na sua expressão scientifica e completando-a harmonicamente n'uma exteriorisação adequada que, cativando todas as vistas, o assignalasse como attributo eloquente da nossa civilização?

Muito se adiantaria, certamente, quando ahí se estabelecesse o Jardim Colonial de Lisboa, conforme indicou no seu projecto sobre a criação do Instituto Colonial, o sr. deputado Prazeres da Costa.

Para a solução dos problemas botánicos, nas suas relações com a exploração economica das plantas das zonas sub tropical e tropical, de ponto encaminha seguro, relativamente á estação que o Jardim Botânico d'Ajuda occupa, o que se colhe na lição broteriana. E, com esta, quanto se mostra bem apurado, no tocante a esses problemas, n'outra estação mais ao norte — a da Escola d'Agricultura de Santarem, — em cujas estufas rompem pujantes, fructificando completamente, plantas d'aquellas zonas, sendo também certo que, dos viveiros de plantas exóticas existentes n'aquella Escola, alguns exemplares recebeu já o Jardim

Colonial de Lisboa, na sua instalação insufficiente, no Parque das Laranjeiras, o que se resalva, presentemente, notando que ella é provisoria.

Pelo contrario, o Jardim Colonial de Lisboa, sobremodo ganharia em sua estrutura quando instalado no Jardim Botânico da Ajuda. Na sua expressão scientifica, e com umas tantas transformações e melhoramentos, este Jardim sobrelevaria em grandera. Abrem, para tanto, margem, os edificios que lhe estão annexos, e tudo depende d'uma inspiraçãõ feliz que se afirme n'uma adequada architectura mais expressiva. E se, recordando o que Brotero solicitou para, n'esse Jardim, desenvolver o seu plano, a fim de lhe dar mais util fórma e promover o estudo da Botânica, não menos atendendo ás exigencias da actualidade, e logo á educação professional nas suas mais directas relações com a economia da colonisação ultramarina e com os progressos da agricultura colonial no dominio portugúes.

Valiosissimas, em mais d'um sentido, seriam, pois, as resoluções que ora visam a criação do Jardim Colonial de Lisboa, se decretassem o racional aproveitamento das condições que para essa criação se oferecem no Jardim Botânico da Ajuda. Assim, por outro lado, vingaria, em adequado campo, a solução d'outros problemas educativos.

Aquella criação tem, necessariamente, de ser vasada em moldes mais cuidados que, correspondendo ás tradições scientificas recordadas, ainda se harmonise com a vastidão e com a diversidade dos capitulos economicos e politicos de Portugal de além-mar.

Será atendendo a que taes condições valem e exprimem, que se concertarão melhor, entre si, os empreendimentos materiaes e por eles e com eles se encontrarão bem sustentados os altos labores scientificos em Portugal.

F. JULIO BORGES.  
(agronomo)



## PELO MUNDO FÓRA

## Notas d'um curioso

## ABDIÇÃO DO SULTÃO DE MARROCOS MULEY HAFID

Ha muitos meses que o sultão de Marrocos — Muley-Hafid, successor de seu irmão Muley-Abd-el-Azis, o amigo da Allemanha, manifestava vontade de abdicar e de ir habitar em Rabat ou em Tanger.

Após a assignatura da convenção franco-allema relativa a Marrocos (4 de novembro de 1911) e desde que elle deu a sua adhesão ao principio do protectorado da França, Muley-Hafid comprehendeu muito bem que o seu papel estava acabado; que de futuro não seria mais do que um alto funcionario colonial francès.

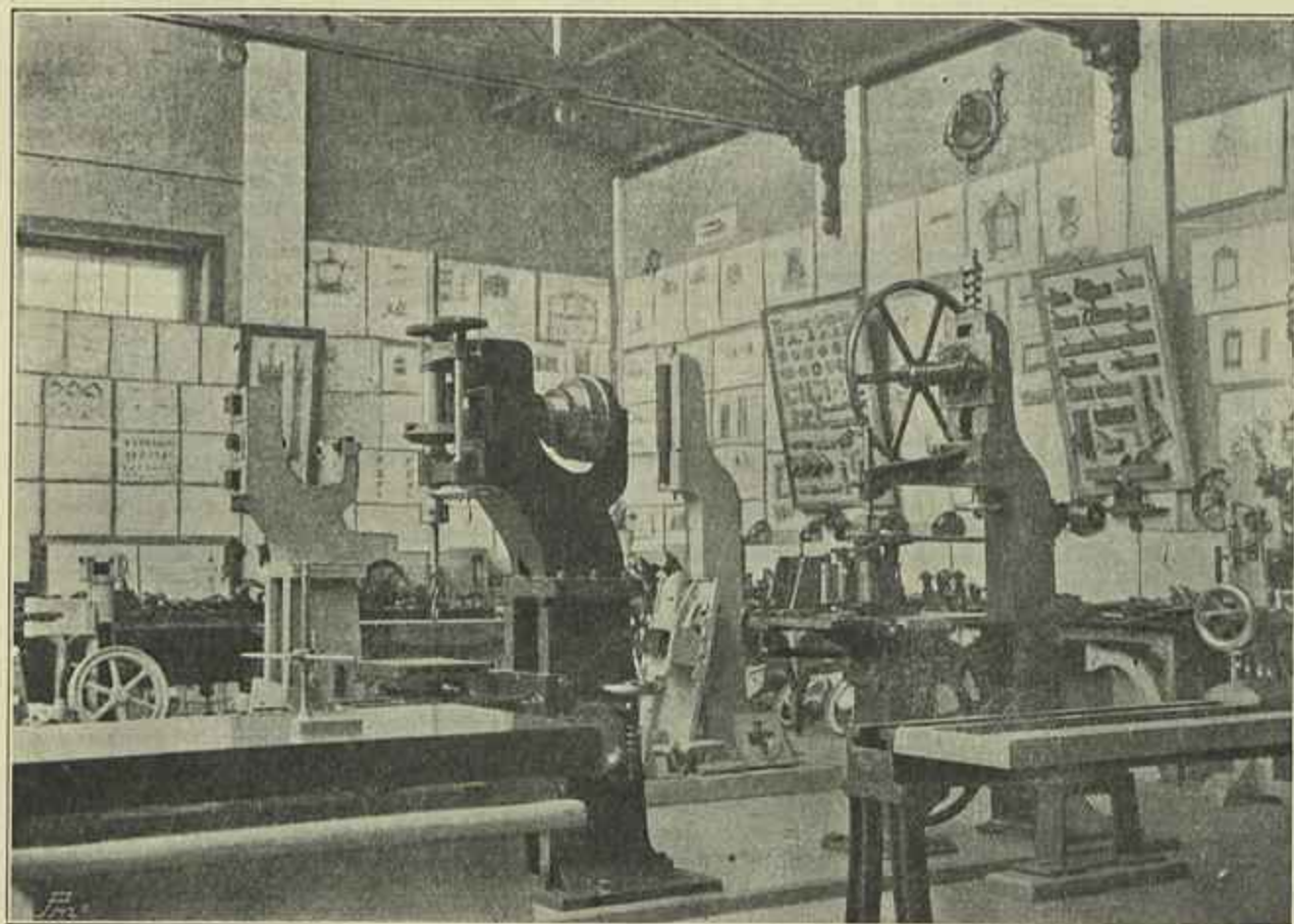
Por outro lado, o seu prestigio para os marroquinos estava perdido, porque o seu reinado não correspondera, de modo nenhum, ao que d'elle se havia esperado, quando o foram buscar a Marrakech (25 de agosto de 1907) para herdar a successão de seu irmão Abd-el-Azis, que elle accusara de proteger os *giaours* (infiéis), indo no fim de contas a pedir o auxilio d'esses mesmos infiéis, ao vêr-se em Fez cercado de inimigos de todas as categorias.

Adversario irreductivel da politica de *penetração pacifica*, Muley-Hafid teve que ceder perante a influencia estrangeira, e, de concessão em concessão, veio a admittir o *protectorado francès*. Este desfecho era inevitavel, desde que o sultão se tornára incapaz de remediar, por seus proprios esforços, a situação lamentavel em que se debatia o imperio. A par do descalabro financeiro, havia a hostilidade das tribus, as disputas internas, provocadas pelas exacções dos ministros, e a agitação profunda de todas as regiões do imperio. Tudo isto forçava Muley-Hafid a recorrer constantemente ao apoio militar da França, para assegurar a sua propria conservação em Fez. Elle, que subira ao throno prégando a guerra santa, ao vêr-se cercado em Fez pelas tribus hostis, teve que chamar em seu auxilio as tropas francèsas! Desde esse momento, só lhe restava uma solução: — o protectorado francès.

Houve quem suppusse que a intenção d'abdicar, varias vezes affirmada por Muley-Hafid, tinha um caracter hostil á França, e tenderia a suscitar novas difficuldades. Com effeito, se essa abdição se tivesse feito bruscamente, ella seria



## Exposição de trabalhos dos alunos da Escola Marquês de Pombal — (Veja Cronica)



EXPOSIÇÃO DAS OBRAS DE SERRALHARIA E MAQUINAS

considerada pelos marroquinos como um supremo protesto contra o novo estado de cousas e o fanatismo mussulmano ter-se-hia agravado, e muito mais ainda, se o sultão só tivesse abdicado depois da desejada peregrinação a Meca. O general Lyautey, d'accordo com o governo francês, conseguiu evitar esse perigo, obtendo a abdicação em condições altamente honrosas para a França, sendo de comum accordo a escolha do successor, que é *Muley Yussef*, irmão mais novo de *Muley Hafid*. Este, que abandonou os seus subditos pretextando incommodos de saúde, emprehendeu uma viagem pela França, indo fazer uma cura de aguas em Vichy.

O successor de *Muley Hafid*, o novo principe dos verdadeiros crentes, *Muley Yussef*, foi proclamado sultão, sem incidentes, em Fez, Tanger, Tetuan, Larache, El-Kçar, Mogador, isto é, na parte septentrional de Marrocos, aquella onde dominam as armas francêsas e hespanholas. Pelo contrario, em Marrakech, no Sous, no Atlas, a

resistencia manifesta se, tendo sido proclamado o sultão *Hibba*, conhecido tambem por *El-Heiba*. Este homem é filho de *Ma el-Ainin*, que foi o maior santo de toda a Africa do norte. Suas obras theologicas eram lidas e commentadas até na Tunisia. O prestigio da familia *Ma el-Ainin* é

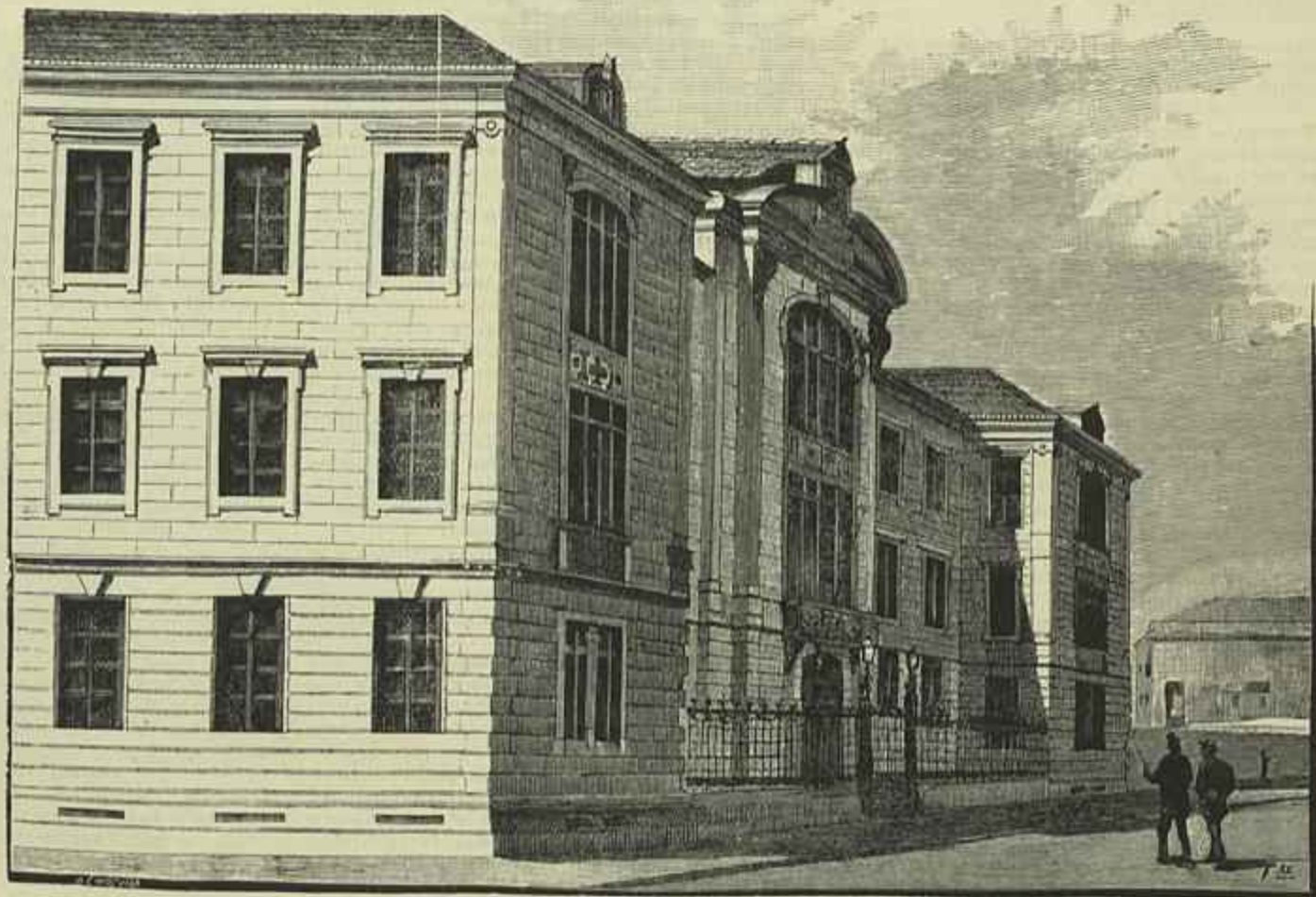
necida póde, d'um momento para outro, ser uma cidade perdida. *Hibba* não é o unico pretendente ao imperio. As tropas francêsas teem em Marrocos muitos inimigos.

Ha quem diga que *El Heiba* é auxiliado pelos irmãos *Mannesmann*, familia de allemães muito

formidavel no sul, onde a religião se baseia mais em praticas de bruxaria do que no culto do idealismo islamico. *Ma el-Ainin* era para elles um semi-deus; beijavam o rasto de seus pés e ajoelhavam-se-lhe na frente.

Todos os annos a Fez, de visita ao sultão, que o enchia de riquezas. Seu filho *Hibba* é o herdeiro da *baraka* (benção especial). Com facilidade, póde arrastar consigo não só as massas supersticiosas, mas tambem os chefes que as seguem. *Hibba* é pois um adversario da França. Toda a região que o aclamou era desde ha muito refractaria á auctoridade do xerif e quasi póde dizer-se que cada sultão do norte tinha um antagonista no sul, contra o qual se via forçado a combater.

Mas agora o caso é differente: Os francêzes são responsaveis pela ordem em Marrocos e pela segurança do imperio. A elles cabe o dever de assentar a auctoridade de *Muley Yussef*; tarefa algo espinhosa e que exige uma expedição a Marrakech, mas sem desgarnecer as outras cidades marroquinas, porque cada cidade desguar-



EDIFÍCIO DA ESCOLA INDUSTRIAL MARQUÊS DE POMBAL, EM ALCANTARA

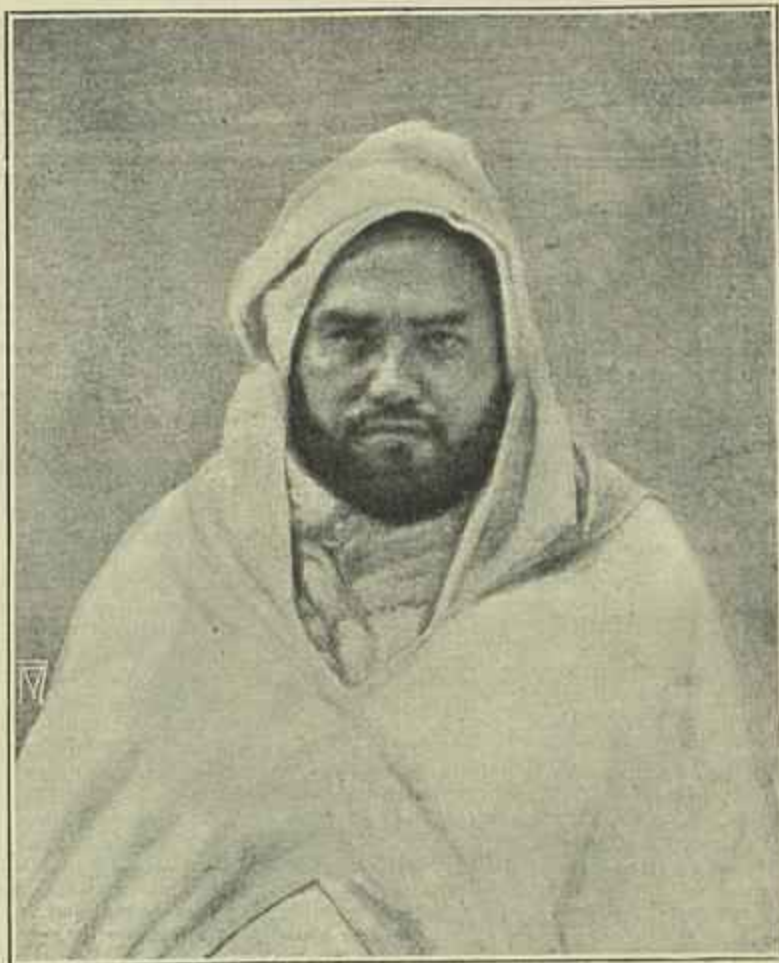


## A abdicação do Sultão de Marrocos



O SULTÃO MULEY-HAFID QUE ABOICOU

(Veja artigo pelo «Mundo Fôra»)



O NOVO SULTÃO MULEY YUSSEF

em evidencia na famosa *questão de Agadir*, que ia provocando a guerra franco-alemã o anno pasado.

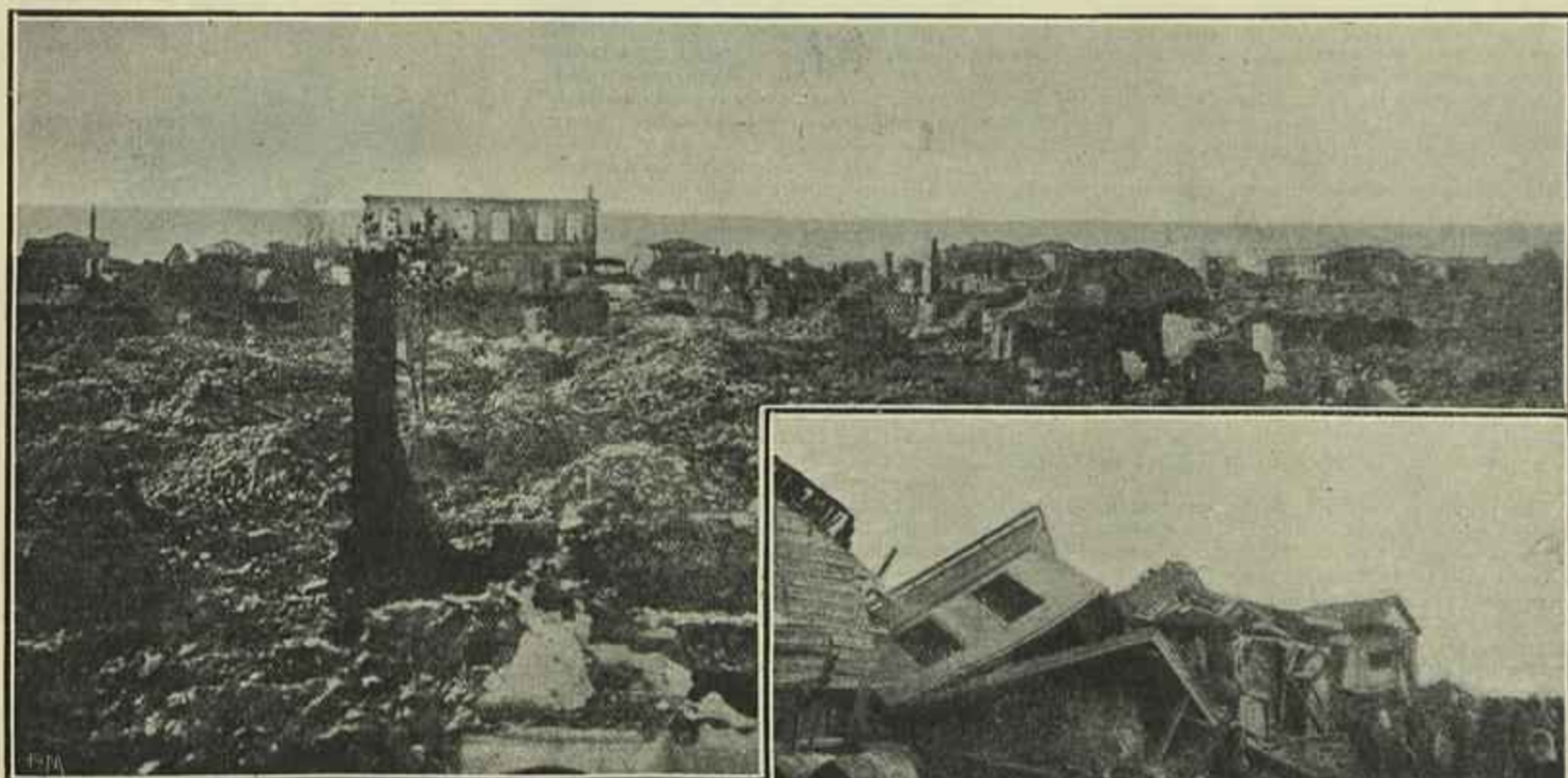
## TREMORES DE TERRA NA TURQUIA

Na madrugada de 10 de agosto, ás 3 horas e

30 minutos, sentiram-se no centro da Turquia, principalmente na costa europeia do mar de Marmara e no estreito dos Dardanellos, intensissimos tremores de terra, que tiveram repercussão em quasi toda a Europa.

Em muitos pontos, o incendio completou a

obra do terremoto, e povoações inteiras, que em parte haviam resistido aos abalos de terra, foram presa das chammas! O capitão d'um navio mercante — *Virginian*, que navegava num mar fervente, como lava em fusão, fez uma descripção sinistra do que presenciou nas costas dos Dar-



O TERRAMOTO NA TURQUIA

A CIDADE DE KHORA DESTRUIDA — RUINAS DE GARROS



danellos, ora mergulhadas em profundas trevas, ora alumadas por clarões lugubres, Khora, Myriofoito, Milia, eram lambidas pelas chammias!

Nos Dardanellos (Tchanak Kalessi), á entrada do estreito, na costa asiática, não ha talvez uma casa habitavel. Dos consulados não ha um intacto; o pessoal do consulado da França teve que acampar nos jardins.

O incendio de Myriofoito, onde havia depositos de petroleo, foi horroroso, calculando-se que só ali houve mais de 300 mortos e de 600 feridos. Do meio das ruas brotavam aguas a ferver!

Em Tcholorou desmorreram-se mais de 200 casas; em Andrinopla, Rodosto, Silivrie, Charkeui e em muitos outros pontos ha enormes prejuizos. A cidade de Khora é um montão de ruinas. Garros é uma das villas que mais soffreram. Algumas casas de madeira é que resistiram ao abalo.

Calcula-se que este grande cataclysmo, comparavel aos que a historia regista entre os mais funestos para a humanidade, fez mais de 1:000 victimas, além de mais de 3:000 feridos. O numero de pessoas sem abrigo é superior a 50:000!

Constantinopla, embora tivesse grandes prejuizos em alguns edificios, foi, felizmente, uma das cidades que menos soffreram.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.

## De regresso a penates

Na sexta feira, 26, ás 7 horas em ponto da manhã, largámos de Côja, em carro alugado, com destino á Louzã, estação terminus do caminho de ferro de Coimbra.

O mesmo carro fóra, mais cedo, ao Barril, onde recebeu os nossos visinhos e companheiros de viagem, José Custodio Gomes, esposa e filho, Raul, excellente moço em quem, desde os primeiros annos, se revelaram qualidades pouco vulgares de seriedade e amor de saber, que nunca desmentiu.

A estrada, que seguimos, é cheia de accidentes de curvas extensas, ladeiras por vezes muito íngremes e aspectos de paisagem dos mais bellos na terra portugueza.

O seu traçado assenta, completo, na sequencia da cordilheira do Herminio, que se desdobra e define com varias designações, — serra da Estrella, Colcorinho, serra de Goes, serras da Louzã, etc.

A vegetação demonstra-se luxuriante, mas não muitissimo cuidada pelo homem, na parte concernente a arboricultura, pois notam-se, com profunda magua, amplas calvas de pinheiros em numerosos logares, reconhecidamente aptos para semelhantes dicotyledoneos.

A primeira povoação de importancia que a estrada atravessa é Arganil, a que se acha sobranceiro o celebre Monte-Alto, cuja crista corôa uma capela.

Esta povoação impressionou-me tristemente, afigurando-se-me carecida de vida e de receita economica prospera.

O mesmo não occorreu na de Goes, elegante e airosa, provida de electricidade e de casaria novissima.

Ahi, a chuva, que já em Arganil, séde de concelho e de comarca, se denunciára em inicio, cahiu abundante.

Almoçámos, do farnel que traziamos, em uma casa de hospedagem, na praça da Republica, ao lado do edificio municipal, onde, n'esse dia, se estava procedendo á inspecção de futuros recrutas.

A este proposito, referirei um episodio caracteristico: a certa hora, um homem, idoso e limpo, atravessou o largo da referida praça onde estacionavam grupos de mancebos, á espera de vez, acenou a dois de elles com um dedo da mão direita, parou um pouco, sem os fixar de frente, pronunciou palavras de que não pude tomar conhecimento e proseguiu ávante, sem levar a mão ao chapéu, que, todavia, os seus interlocutores conservaram sempre fóra da cabeça enquanto elle esteve parado.

Os demais grupos abriram alas e descobriram-se respeitosos, no momento da sua passagem.

Seria um senhor feudal? seria um cacique? Não indagámos, porque nos repugnou o espectáculo e não quizemos registar com sánha o nome de quem assim se permitia ser objecto de culto idolátrico, em pleno seculo XXI!

Respeito, amor, veneração até, são conciliáveis

com a dignidade humana, mas dentro de limites que a não rebaixem.

Não ha homens de ouro e homens de barro, ha homens cidadãos, dignos ou não de conceito, conforme procedem.

De Goes, tambem séde de concelho, partimos para a Louzã, por volta do meio-dia, debaixo de chuva grossa.

Cêrca das duas horas da tarde, apeamo nos na respectiva estação do caminho de ferro, depois de atravessada a antiquissima villa, que ostenta edificios brasonados, propriedade e assento de velhos solares.

Não encontrei o movimento que esperava em tão afamada localidade, e foi-me dito por um empregado da estação, que está deixando a desejar, sob o ponto de vista commercial.

Ás 3 horas e minutos, chegou de Coimbra, o comboio em que logo tomámos logar e que partiu para aquella cidade, sem mais delongas.

A linha da Louzã a Coimbra deve ter sido dispendiosissima, attentas as obras de arte em tuncis e pontes que lhe assignalam o curto percurso.

Pelas 6 da tarde, pouco mais ou menos, dêmos entrada na estação nova da formosa joia do Mondego, não resistimos a uma immediata diversão pela ponte, ali situada, até Santa Clara, e viemos pernoitar na «Hospedaria Lusitana», Largo das Ameias, pertencente a Thiago Alves Vicente, de nacionalidade hespanhola, onde fômos servidos com irreprehensivel acceio.

No sabbado, aproveitámos o tempo o melhor possivel, voltando a Santa Clara e visitando, em seguida, na margem opposta, o mercado Santa Cruz, a Sê velha e a Universidade, de que surprehendemos o illustre reitor, Mendes dos Remedios, a perpassar, modesto e ligeiro, de uma casa de espera para outro compartimento.

Ficámos prêsos á formosissima e seductora Coimbra, primoroso repositório de epochas e de recordações indeleveis, se a necessidade imperiosa da existencia nos não acordasse para o espêlho da realidade.

Tomámos passagem para a Figueira da Foz e, pouco antes das 5 da tarde, estavamos na estrema do saudoso Mondego, em face do largo Atlantico, havendo, da janela da carruagem do comboio, admirado a matizada vertigem dos ferreiros campos e a secular sentinela, que lhes é, o negro castello de Montemor-o-Velho.

E' a cidade da Figueira da Foz muito limpa e ordenada, aberta em amplas vias e largos, com edificios notaveis e acarinha em busto de bronze, sobre pedestal granítico, a figura primacial entre os seus distinctos filhos, — Fernandes Thomaz, authentico portuguez de 1820, varão immortal da patria lusa!

Foi-nos amavel cicerone, o 1.º sargento da guarda fiscal, Antonio Rosa, que nos mostrou toda a cidade, sem esquecer o glorioso forte de Santa Catharina, de onde se gosa o espectáculo sublime do mar e o quadro da praia, até o pharol do cabo Mondego, esmaltado pela casaria de Buarcos, a embalar pela voz das ondas, a sorrir nas espumas do oceano!

Tive, á noite, a alegria de trocar um apertado abraço com o meu querido amigo dr. Angelo da Fonseca, verdadeiro entusiasta da Figueira da Foz, no periodo balnear.

Dormimos na hospedaria «Barba Azul», que não tenho duvida em recommendar aos que, como eu, preferem menos apparencia e mais tranquillidade.

Finalmente, perto das 11 horas da manhã de domingo, após deixar um bilhete em casa de outro meu querido amigo, o escriptor e professor Eloy do Amaral, que ainda se não erguera da cama, retomámos o comboio, com bilhetes para Lisboa.

Assistimos, em Alfarelos, á recepção a Antonio José d'Almeida que, no rapido, se dirigia para Coimbra, e que deve ter ficado satisfeito com a prova de sympathia, ali manifestada.

De Alfarelos para Lisboa nada mais se me offereceu que me parecesse de especial registo, a não ser no proprio comboio, em que vinham familias inteiras, já com passagens para o Brazil e que, provavelmente, desde 2.ª feira, se encontram nos respectivos transportes, a correr no flácido caminho das vagas!

Era a onda viva, de emigrantes, a despovoar assustadoramente este paiz, que o berço fez sua patria e de que a aventura, na ancía de acquisição de meios de fortuna, torna muito incerto o chão tumular!

In mente, no termo ferreo da viagem (para o definitivo logar de nossos penates, restava nos ainda a travessia do Tejo, que realisamos ao sol posto), desejei a essa onda de irmãos nossos, em

prosecução de um ideal distantissimo, quem sabo se algum dia attingido?! desejei, repito, que haja além, na radiosa e brilhante patria a que se destina, com o suor do seu esforço, o remunerador premio do trabalho, a justa recompensa da labuta, a merecida felicidade a que aspira e que, talvez, lhe fuge!

Como se verifica, em todo o districto de Coimbra, uma enorme ausencia de braços válidos e um frio esboço de iniciativa particular!!!

E' preciso, cumpre, impõe-se, que todos os portuguezes abastados se unam, em acção commum, para o progresso d'esta faixa europeia, sem rival no mundo, e que todos se lembrem de que só os meritos, não os privilegios nem os pergaminhos, não valor estimativo e real, perante as leis da razão e no genuino sacrario recondito das consciencias sensatas.

30-7-912.

D. FRANCISCO DE NORONHA.

## Fráude inaudita!

(Continuado do numero 1207)

Quando, mais cêdo do que tinha por costume, por motivo da irritação que sentia, em vista da incredulidade geral, sir Tómas safu do hotel e fô por ali fora de passeio, até á praia, o sujeito de chapéu de palha meteu immediatamente atrás dêle, e fô-os seguindo, a êle e ao amigo, a pouca distância, pela rua abaixo.

Sem os perder de vista, fô-se deixando ficar para trás, no lado opposto do caminho, até que os dois amigos alcançaram o cáis, onde, porém, a lancha que devia de estar á espera se não via por parte nenhuma.

Legrand optava porque se metessem noutro barco qualquer e remassem para o iate, acto continuo. Sir Tómas, contudo, que era teimoso, por condição, e que ia algo mal-humorado, por causa do espirito de contradição com que esbarrara, insistiu em ir em procura da sua própria lancha, e entretanto, o amigo sentou-se para ali num banco de pedra, a fumar o seu cigarrinho, com a sabida languidez.

Assim que o baronêto se afastou do companheiro, a prescrutar a praia á procura da lancha, o nosso individuo do chapéu de palha investiu como um fogueté para além da sombra, e foi-lhe seguindo os passos, até que o baronêto, presentindo, de subito, que alguém lhe vinha na trilha, se voltou, de chofre, e se achou, frente a frente, com um individuo, a tremelear, com expressão de acanhamento, e que, tirando o chapéu, se pôs a tartamudear uma explicação.



... rogo-lhe me desculpe o atrevimento... mas...

— Si-si-sir Tómas, eu eu, rogo-lhe me desculpe o atrevimento... mas... o cavalheiro afirmou, ha pouco, — lá no hotel... qualquer coisa, que



me animou a... a... Quero dizer, que me levou a supôr, que não era homem que voltasse atrás com a palavra...

— Eu lhe digo, replicou o baronêto; a vará-lo com a vista, algum tanto perplexo e não menos incomodado. — Ouso esperar que jámais alguém me poderá increpar por ter faltado á palavra dada, fôsse qual fôsse essa palavra. Queira explicar-se.

— Certamente. — Eu eu... sou o David Bergstein.

Deu-se uma pausa algo incômoda. A plena consciência do dilêma em que se colocara não abrohhara, ainda, á mente do baronêto.

O adventício proseguiu:

— O cavalheiro declarou que, se porventura o Bergstein apellasse para a sua intervenção, quando se visse acossado pela policia, e caçado como uma rata pelos aldeões, estender-lhe-ia a mão — e que o recolheria a bordo do seu iáte, auxiliando-o naquilo que possível lhe fôsse. A situação, não mudou, sir Tomás; esquivei-me á policia, até aqui, mercê de arrojo, envolvendo-me com a multidão, no Lião Vermelho, enquanto os agentes andavam á minha procura, pelo rio. Mas não posso ter esperanças em lhe escapar das garras, por muito tempo, a não ser que o cavalheiro se digne de ajudar-me. Consente?

Versão do inglês por

M. MACEDO.

## NECROLOGIA

### Julio Massenet

Perdeu a França um dos seus grandes musicos, notavel compositor e mestre, Massenet, assim o participaram ao mundo telegrafas de 14 de agosto, findo.

Entre nós não era um desconhecido este maestro de que só tivéssemos noticias pelas criticas da imprensa estrangeira; bem ao contrario, o nome de Massenet gosava certa popularidade em Lisboa, desde que suas operas se fizeram ouvir no teatro de S. Carlos e Coliseu como, foram o *Rei de Lahore*, a *Manon*, o *Werther*, e no teatro da Trindade, em tempos de Francisco Palha, a opereta *D. Cezar de Bazan*, partituras que logo conquistaram o agrado do nosso publico, especialmente a *Manon*, opera aclamada em todo o mundo lirico, e que só em Paris já conta aproximadamente mil representações.

As suas composições orchestraes, como as *Scènes pittoresques* e as *Scènes alsaciennes*, conhecidas ao nosso publico de as ouvir e apreciar, executadas pela *Grande Orquestra Portuguesa*, em 1907, sob a regencia de Michel Angelo Lambertini.

Massenet, o grande artista da poesia e do sentimento, originalissimo em suas composições, sustentou a luta que todos os genios travam para triunfar. Nascido em Saint Etienne, no ano de 1842, sendo o 23.º filho de um industrial, revelou a sua vocação para a musica muito novo e para satisfazer suas aspirações, parece que chegou a fugir do lar paterno, para ir estudar em Paris. Só depois desta aventura é que teve consentimento de seu pae para continuar na grande capital e entrar para o Conservatorio, na classe de piano do professor Laurent. Na de composição teve por mestre a François Bazin, austero classico para quem Massenet era um revoltado a ponto de que muito cortezmente o despediu da sua classe, vaticinando ao discipulo: *nunca na sua vida faria coisa de geito.*

O vaticinio falhou completamente, como se vê, mas por isto se calcula a luta de Massenet, nos principios da sua vida artistica.

O grande compositor, não teve duvida, como diz um seu biografo, a tocar timbales nas orquestras, para ocorrer ás necessidades da vida, enquanto ia recebendo as lições de Henri Reber e Ambroise Thomaz.

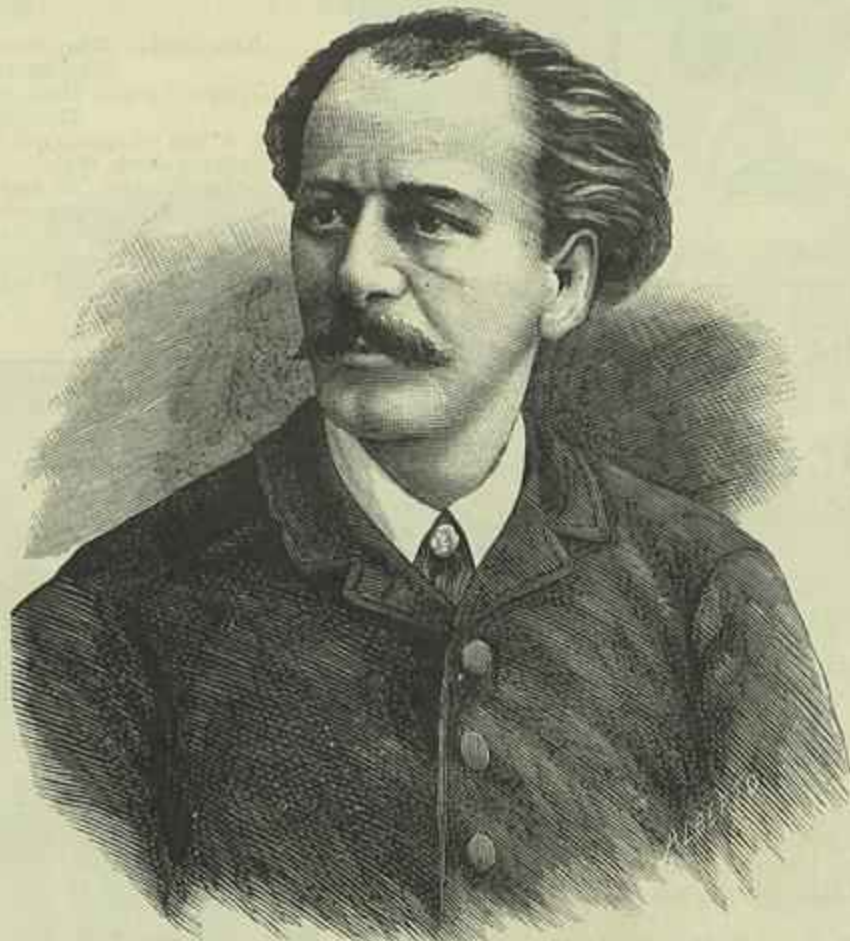
Foi assim que, depois de ter alcançado o *Grand prix* de Roma por suas composições de estudante, viu representada em 1867 a sua primeira obra teatral em 1 acto, na Opera Comica de Paris, *La Grand Tante*, desempenhada pelo tenor Capoul, M.<sup>me</sup> Girard e Marie Heilbron, que foi mais tarde a melhor interprete da *Manon*.

Acompanhar o grande maestro em toda a sua longa carreira, não cabe nos limites desta simples noticia necrológica, e ainda menos relacionar a enorme produção do seu talento, onde se encontra a profusa graça e elegancia de estilo a par da melhor tecnica.

Assim, mencionaremos apenas as suas principais obras, e que outras não tivesse seriam estas mais que suficientes para provar a extraordinaria oporosidade de Massenet.

Essas obras são as seguintes:

*Les Erinnyes* (1873), *Marie Madeleine* (1873),



JULIO MASSENET

*Le Roi de Lahore* (opera, 1877), *La Vierge* (1880), *Herodiade* (1881), *Manon* (1884), *Le Cid* (1885), *Esclarmonde* (1889), *Le Mage* (1891), *Werther* (1893), *Thais* (1894), *Portrait de Manon* (1894), *La Navarraise* (Londres, 1894), *Sapho* (1897), *Cendrillon* (1899), *Griselidis* (1901), *Le Jongleur de Notre-Dame* (1902), *Gigale* (bailado, 1904), *Chérubin* (1905), *Ariane* (1906), *Thérèse* (1907), *Bacchus* (1909), *Don Quichotte* (1910), *Roma*, representada ultimamente com grande exito em Monte-Carlo e na Opera de Paris.

Não se mencionam aqui os seus poemas musicaes e muitas outras composições para orchestra.

Massenet, apesar de ter ganho boa fortuna, trabalhava ainda as suas 6 a 8 horas por dia, que para ele principiava com a alvorada, mas deitava-se cedo.

No seu espolio artistico deixou ainda as seguintes partituras, completas: *Panurge*, opera em 3 actos que vae ser cantada em Paris, em março de 1913; *Cleopatre*, em 5 actos e *Amadis*, em 4 actos, além de duas *suites* de orchestra ineditas.

Massenet era membro de Instituto de França, desde 1878, e foi muitos anos professor de composição do Conservatorio, onde teve discipulos que se tornaram notaveis artistas, como Gabriel Pierné, Alfred Bruneau, Gustave Charpentier, etc. Deixou aquele cargo para mais livremente se entregar ás composições teatraes, que eram sua paixão.

Massenet legou ao Conservatorio as suas obras.

## Novidade musical

### Opera nova

Os nossos estimados leitores, e muito principalmente aquelles que se interessam pela musica, decerto não desconhecem o nome de Vincenzo Petri. Desde 1892 que visita Portugal, como se vê pelas notas que seguem. Fez parte da companhia que em 1892 se estreou no Real Colyseu; depois na companhia que no extinto S. João, do Porto, cantou a celebre opera de Verdi — *Othello* — companhia que se estreou em 1894, contractada pela empresa Verde, e de que faziam parte as celebres figuras: Cardinali, Salud, Othon e Moro. Veiu a Lisboa, com a companhia que pela primeira vez, em 1900, cantou a *Serrana*, do nosso mallogrado maestro Alfredo Keil, no Colyseu dos Recreios e d'ahi por diante nas epochas lyricas no mesmo recinto de 1901 a 1905 e ainda este ano. Dirigiu sempre a orchestra proficentemente nos theatros de Hespanha, incluindo mesmo o Gran Teatro del Liceo, em Barcelona.

Como escriptor da especialidade, escreveu um methodo de canto e esthetica theatral e phrases dramaticas.

Como compositor, tem muitissimas peças de concerto para orchestra e banda, romanzas e varios bailados, além de uma missa a tres côros, premiada no concurso de maestros realisado em Marselha em 1910. Escreveu as operettas — *Stella del Sud* e *El diablo en el convento*.

E agora, findamos esta noticia com a novidade musical a que a nossa epigrapha allude: a proxima representação, no Teatro Campos Eliseos, da opera em tres actos: *Um riacho*, baseada n'um assumpto vasconço.

Vincenzo Petri é uma bôa batuta e em geral uma orchestra por elle regida nunca se desmancha.

VIII-VIII-CMXXII

RUY D'ARODM.

## PUBLICAÇÕES

**Verdades Duras. A Casa da Moeda no Regimen Republicano**, por Fonseca Baptista. Editor: o autor. Tipografia do Comercio.

Lisboa, 1912. Opusculo de 100 pags. in-8.º com indice. Este interessante opusculo divide-se em oito partes a saber: *Explicações necessarias Como consegui a minha colocação na Casa da Moeda; Um passeio a Madrid; A minha nomeação; A sindicancia á Casa da Moeda e as suas desastrosas consequencias; Os actos administrativos do sr. director e a sua psicologia; Calculo para inglês ver e portuguezinho ler; Como a moral dos homens se reflete nos seus actos publicos; Relatorio e plano de trabalho; Conclusão.*

Estes titulos despertam hem o interesse pela leitura do opusculo, tanto mais versando sobre a Casa da Moeda, de que muito se tem escrito e falado nos ultimos tempos, desde a celebre sindicancia, que pelos modos não tem cara de aparecer a publico, até á nova amoedação, que do mesmo modo não aparece, apesar do orçamento da receita do Estado de 1911-1912 ter incluído uns tres mil e tantos contos de réis dos lucros da nova amoedação com que contava como coisa que já estivesse nas arcas do tesouro publico.

E' muito curiosa a leitura deste opusculo, e em especial as aclarações que faz sobre os motivos porque ainda não está feita a nova amoedação.

Vê-se da leitura do folheto que a questão é bastante complexa apesar de demonstrada com toda a claresa, pelo sr. Fonseca Baptista, o qual depois de reconhecer a inutilidade de seus esforços para conseguir uma boa organização e ordem de trabalho, nas officinas de fundição e cunhagem de moeda a seu cargo, e não lhe sofrendo



# The Anglo Portuguese Motor & Machinery Company Limitada

Sucessor da Sociedade Portuguesa de Automoveis



NO AUTO PALACE — UMA EXPOSIÇÃO DE «CHASSIS» RENAULT E DIETRICH, CHEGADOS ULTIMAMENTE A LISBOA

a independencia do seu caracter e ainda menos a probidade e brios de artista o transigir com as conveniencias officaes, resolveu requerer a exoneração do lugar para que fôra contratado, ao fim de sete meses de luta.

E' disto que o opusculo dá minuciosa conta ao publico, revelando casos bem curiosos, com que o sr. Fonseca Baptista varre a sua testada.

Este opusculo encontra-se á venda nas livrarias ao preço de 150 reis.



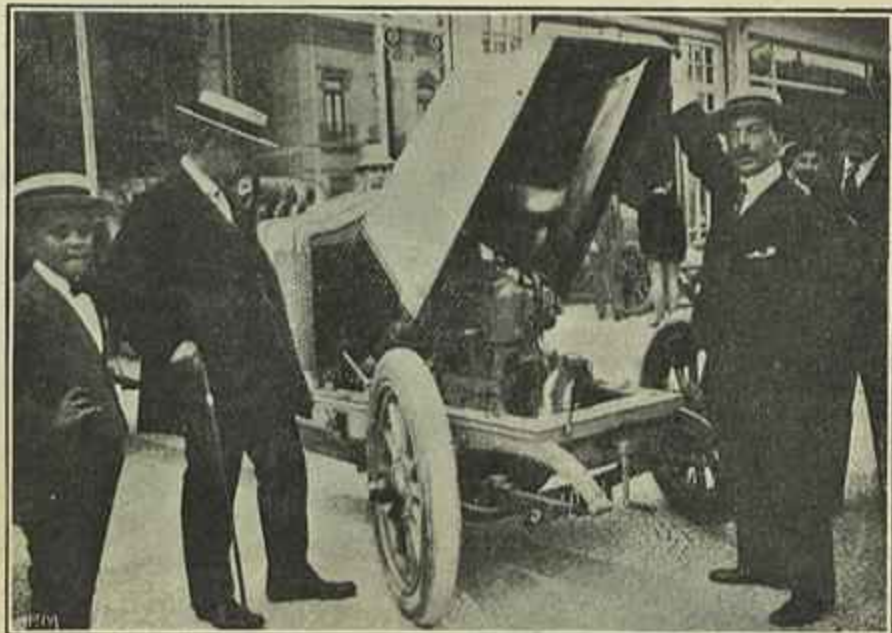
«The Anglo Portuguese Motor & Machinery Company Limitada»

Sucessora da Sociedade Portuguesa de Automoveis

## Uma exposição de «chassis» Renault e Dietrich

Esta grande empresa automobilista á testa da qual se encontram os srs. Carlos Bleck e Rodrigo Peixoto, engenheiro, despachou na alfandega uma importante remessa de chassis, marcas RENAULT e DIETRICH e carros, que atravessaram as ruas da cidade até ao Auto-Palace na rua Alexandre Herculano, a primeira garage de Lisboa.

Nesta garage tem estado em exposição as novas maquinas, constando de chassis 20/30 H. P. marca RENAULT, de 14/20 H. P. — 16 H. P. — 12 H. P. da mesma marca e um Double Phaeton, desmontavel 13/18 H. P. da marca GREGOIRE e um Torpedo de 12 H. P. da marca BRASIER.



MAQUINISMO DE UM «CHASSIS» EM EXPOSIÇÃO PELO SR. CARLOS BLECK

Da marca DIETRICH, um Limousine 16 H. P.; um chassis 12 H. P. tipo Sport, outro chassis 12 H. P.; dois Torpedos 16 H. P. e 12 H. P.

Os chassis são destinados a carroseries de luxo, construidas na grande fabrica desta empresa, a que esta revista se referiu largamente em o n.º 1207 de 10 de julho deste ano.

A Sociedade Portuguesa de Automoveis de que é sucessora a Anglo Portuguese Motor & Machinery Company Limitada, vai deste modo afirmando o grande desenvolvimento que tem dado em Portugal ao automobilismo.



## O MEZ METEOROLOGICO

Agosto de 1912

Barometro — Max. altura 768<sup>mm</sup>.5 em 22.

» Min. altura 759<sup>mm</sup>.6 em 28.

Temperatura — Max. altura 28<sup>°</sup>.3 em 11.

» Min. altura 13<sup>°</sup>.5 em 14.

E' o mez de agosto que apresentou uma temperatura maxima mais fraca desde 1855.

Nebulosidade — Ceu limpo ou pouco nublado 18 dias.

» Ceu nublado 13 dias.

Chuva — 7<sup>mm</sup>.4 em 6 dias (4, 6, 7, 19, 25 e 26).

Vento dominante — NW.

Horas de sol — 298 horas e 6 minutos.

## Almanaque Illustrado do «Occidente»

PARA 1913

A sahir brevemente

## CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



## CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

## NOVIDADE LITTERARIA

### A CRUZ MYSTERIOSA

Romance sensacional por Julio Rocha

Á VENDA NAS PRINCIPAES LIVRARIAS

Deposito na livraria J. Rodrigues & C., RUA AUREA, 18, 188, onde devem ser dirigidos todos os pedidos.

Onde todos devem comprar **SAPATARIA PORTUGAL**

DE A. Almeida e Costa

Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

**CONTRA A TOSSE**

**JAMES**

Unico especifico contra tosses e bronchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e aprovado nos hospitaes. Premiado com Medallas d'Ouro em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. Á venda nas pharmacias. Pedro Franco & C., Lisboa.

## Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Produto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas, 200 réis

Cada lata " " " " 240 " "

Á venda em todas as pharmacias